

A dor e a delícia: mulheres pioneiras da psicanálise

Janaina Namba

Resenha de Fátima Caropreso e Renata Udler Cromberg (orgs.), *Mulheres pioneiras da psicanálise: uma antologia*, Belo Horizonte, Autêntica, 310 p.

Na prática médica ocidental, o método clínico é o instrumento que permite estabelecer a ligação entre a teoria e a prática. Ao munir-se de um conjunto de doutrinas e empregar o raciocínio clínico, o médico torna-se capaz de elaborar tanto o diagnóstico quanto ao prognóstico. O método é, portanto, o recurso cognitivo ordenador do conhecimento, o que pressupõe mecanismos próprios de atividade do pensamento que, operando por análises e sínteses, é capaz de articular determinadas categorias teóricas como entre as partes, da parte com o todo, com múltiplos etc.¹

Ao mencionar as palavras de Ivan Frias, do livro *Doença do corpo, doença da alma: medicina e filosofia na Grécia clássica*, em sala de aula, não consegui deixar de mencionar também o percurso da psicanálise, cujo ponto de partida não fora apenas o encantamento de Freud com Charcot, na Salpêtrière, e a cooperação com Breuer pouco tempo depois que Freud voltara da França, mas sobretudo o método de investigação na sua clínica médica que subvertia os cânones da investigação

médica de sua época. Se o método de investigação clínica é uma herança hipocrática, Freud fez desse método o fundamento da psicanálise.

Emma Eckstein, que abre o livro *Mulheres pioneiras da psicanálise*, organizado por Fátima Caropreso e Renata Cromberg, além de figurar no famoso sonho de Irma como paciente e ser um elemento fundamental para a formulação da teoria da sedução, enquanto uma pioneira da psicanálise, terá um papel fundamental ao esclarecer sobre alguns aspectos da sexualidade na educação infantil. Ao publicar o livro *A questão sexual na educação infantil*, em 1904, expõe problemas relevantes quanto às posições social e moral das mulheres e das crianças quebrando o tabu ao abordar as questões sexuais na educação da criança. Emma Eckstein é uma das nove mulheres apresentadas no livro, que desde os primórdios da psicanálise participam ativamente tanto na estruturação teórica quanto na atividade de sua prática. São elas Emma Eckstein, Sabina Spielrein, Margarete Hifering, Eugenia Sokolnicka, Barbara Low, Hermine Hug-Hellmuth, Lou Andreas-Salomé, Karen Horney e Ruth Mack Brunswick.

Logo no prefácio, Klara Naskowska nos diz que, “com exceção de Ruth Mack Brunswick, norte-americana da nova geração, as mulheres incluídas nesta antologia todas as outras eram psicanalistas europeias da primeira geração, nascidas entre 1860 e 1880” (p. 9). Ou seja, todas elas dialogavam de maneira mais ou menos direta com Freud e com o círculo tão fortemente masculinizado dos primórdios da psicanálise. Mas nem por isso se deixaram intimidar e se calar.

Esse livro mostra o percurso muitas vezes tortuoso, e até mesmo torturante, dessas psicanalistas, como no caso da própria Emma, que passou por uma cirurgia desastrosa dos cornetos nasais, por indicação de Fliess e Freud, pois poderia tratar-se de uma “neurose nasal reflexa”; como nos conta Simanke, que faz a apresentação dessa pioneira, teve por consequência “hemorragia, infecção, fratura óssea e o esquecimento de uma gaze na região operada” (p. 28). Foram

Janaina Namba é professora do Departamento de Filosofia da UFSCar, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e autora de *Expressão e linguagem: aspectos da teoria freudiana* (Blucher).

muitas as intercorrências que deixaram sequelas e deformidades faciais permanentes.

Temos conhecimento de um percurso interrompido precocemente no caso de Sabina Spielrein, que aos 57 anos foi levada por tropas nazistas alemãs para o “Desfiladeiro das Cobras, em Rostov sobre o Don”. Lá fora assassinada juntamente com suas filhas Renata e Eva, em 1942. Apesar da pouca idade, nos diz Cromberg, que apresenta a autora, Sabina “nos deixa um devir como força instituinte”. Ela fora “três vezes guerreira”, ao tecer costuras entre a psiquiatria, a neurociência e a educação, “preservou a psicanálise como força imanente e central dos desdobramentos de suas criações” (p. 89).

A organização do livro realizado por duas pesquisadoras da psicanálise mostra um estudo cuidadoso e aprofundado de cada uma dessas mulheres psicanalistas. Mas como dizíamos no início, um traço marcante dessa seleção é mostrar como essas mulheres em plena consonância com a construção da psicanálise pensavam e trabalhavam a investigação clínica como um método, no sentido hipocrático.

O desenvolvimento teórico e clínico de cada uma delas é bastante particular. Vejamos alguns deles.

Lou Andreas-Salomé, em 1921, em *Narcisismo como dupla direção*, mostra outro viés pelo qual pode ser abordada a teoria freudiana do narcisismo: “Rastrear, tão longe quanto possível, tão profundamente quanto seja factível, as circunstâncias vitais ocultas: é disso que se trata a psicanálise freudiana” (p. 221). E por isso coloca em destaque a “dupla face essencial” do narcisismo, isto é, o momento em que remonta ao estágio anterior à “consciência do eu – o do persistente sentimento de identificação com o todo, da renovada fusão com o todo enquanto meta fundamental da libido” (p. 221). A sua construção teórica é ilustrada com o exemplo de um menino que,

a seu ver, apresenta o sofrimento com muita clareza. Esse menino, diante do conflito interno do eu nascente, introduz um companheiro invisível “cujo contorno físico ele tirou de um livro ilustrado, no qual um jovem alegre aparecia saltando em direção a crianças que estavam enfeitadas com flores: ‘o Maio chegou’” (p. 223).

Com igual clareza e discernimento, anos depois Ruth Mack Brunswick escreve, em colaboração com Freud, um texto que foi publicado apenas em 1940, sobre a fase pré-ediariana do desenvolvimento da libido, para a qual a autora chama bastante atenção. Não somente porque envolveria uma renúncia ao complexo de Édipo, pois “o uso do termo ‘sexualidade pré-ediariana’ parece despertar certa lealdade a esse complexo, como se sua validade estivesse sendo ameaçada” (p. 282), mas também estaria criando um espaço para outros complexos como, por exemplo, o de castração. Além disso, voltar a atenção para a fase pré-ediariana permitiria entrar em contato com as diferenças do desenvolvimento sexual feminino e masculino. Ao longo da vida, diz a autora, “três grandes pares de antíteses existem ao longo do desenvolvimento da libido, misturando-se, sobrepondo-se e combinando-se, nunca coincidindo totalmente” até que um substitua o outro. Viriam a ser esses, “(1) o ativo-passivo; (2) o fálico-castrado e (3) o masculino feminino” (p. 285).

Assim como Lou Andréas-Salomé, Ruth Mack Brunswick também observa que a relação de exclusividade entre mãe e filho/a se estabelece como uma fusão e, portanto, seria ela o protótipo de todas as outras relações amorosas posteriores. Sua suposição é de que o corpo da criança que é fonte de um imenso prazer anárquico e espalhado (o perverso polimorfo, segundo Freud a propósito desse momento autoerótico), nunca pode ser plenamente saciado, pois não possui um objetivo específico ou, como diria Renato Mezan, se comporte como um prazer preliminar que não se completa com o prazer final, tal qual um orgasmo².

Margarete Hilferding apresenta, na Reunião Psicanalítica de Viena de 11 de janeiro de 1911, a conferência *As bases do amor materno*. Nessa

1 I. Frias, *Doença do corpo, doença da alma: medicina e filosofia na Grécia clássica*, p. 15-16.

2 R. Mezan, *Freud: A trama dos conceitos*, 4. ed, São Paulo, Perspectiva, 1998, p. 135.

conferência mostra a “ausência do amor materno” que muitas vezes “se exprime pela recusa em amamentar a criança ou intenção de não ficar com ela” [...] Ou ainda pode “se expressar por atos diretamente hostis em relação à criança; o que pode conduzir ao infanticídio e, ser de sevícias exercidas sobre a criança” (p. 71). Hilferding nos diz que a relação de amor da mãe com a criança não é inata, ao contrário só ocorre após a amamentação, ou após os primeiros contatos dessa mãe com seu bebê. Isso quer dizer que, se por um lado, as possíveis representações feitas pela criança a propósito de sua relação com a mãe seriam a de fusão e serviriam de protótipo para suas

relações futuras, por outro a mãe pode não amar sua criança, como ainda pode vir a maltratá-la.

A ousadia foi bem vista por Freud, uma vez que a “oradora” havia empreendido um estudo psicanalítico de um tema que havia sido sustado de ser investigado pela convenção.

Ainda que não tenhamos destacado todas as pioneiras nesta resenha, o destaque foi justamente apresentá-las como verdadeiras investigadoras clínicas, e que, portanto, atuaram na prática enquanto faziam teoria. Deixemos, assim, para o leitor o prazer da leitura dessas mulheres que desafiaram e ampliaram seus limites de tempo e de espaço.